

REVISTA IDIOSSINCRAZIA

TV LITERAL
matérias sobre
literatura em vídeo



RÁDIO LITERAL
Novidades em
áudio



ESPECIAL
um olhar diferenciado
sobre literatura

REPORTAGENS
matérias exclusivas
do portal literar

ENTREVISTA
o que pensam os nomes mais
importantes da cultura

NOTÍCIAS
novidades literárias em
texto, imagem e som

PONTO DE VISTA
críticas e comentários
sobre arte e literatura

DIÁLOGOS
conversas com Heloisa
Buarque de Hollanda

DEGUSTAÇÃO
trechos de livros que você
ainda vai ler

OFICINA LITERÁRIA
acompanhe nossas aulas
on-line gratuitas

PENSAMENTOS
IMPERFEITOS
por Rubem Fonseca

RESMUNGOS
por Ferreira Gullar

EXERCÍCIOS URBANOS
o leitor mostra sua
literatura e ganha prêmios

DE OLHO NELES
quem vai fazer sucesso
amanhã

CURADORIA DE POETA
apostas e dicas culturais
de diferentes gerações

BLOGTECA
dicas dos melhores blogs
de literatura

MAIS VENDIDOS
lista dos best-sellers da
semana

PAREDÃO
o leitor entra na
polêmica

» ENDEREÇOS

CREDITOS

Heloisa Buarque de Hollanda
curadora

Cecilia Giannetti
editora

Valeska Zamboni
coordenadora de produção
runo Dorigatti
epórter

Clarissa Pivetta



Cineasta mexicano adapta Rubem
Fonseca

imprimir

» LEIA MAIS

Escrever por
apropriação

Futebol e afeto

Quebrando vidraças

Do coletivo para o voo
solo

De volta ao Paraíso
perdido

Educação a distância

Arte digital

Cão sem dono (mas
com bom roteiro)

O humanismo fora-da-
lei de Marcia Denser

Para esquentar
cabeças

Só lê quem come

Cinema reconstrói
universo de José Lins
do Rego

Peter Burke: relendo o
Brasil

Quadrinhos rockenrou

O lado ruim do copyleft

A beleza do falso

Duplamente premiado

Vitória por W.O.

Zuenir de corpo inteiro

A nova antropofagia

Hallewell no Brasil

Escritoras suicidas

Indústrias criativas

Miguel do Rosário

16 / 05 / 2007

Em meados dos anos 1920, uma mulata de formas avantajadas caminha reboativa pelas ruas de Juiz de Fora, conduzindo um carrinho de bebê. Durante o trajeto ouve assovios e elogios vulgares, que não parecem incomodá-la. Ao contrário, mal escondendo um sorriso vaidoso, rebola com mais ritmo, mais vontade, até que chega a uma praça onde há outras mulatas, levando outros carrinhos de bebê. Garotinhos trôpegos, de 1 a 3 anos, bamboeleiam pra lá e pra cá, como se ao ritmo de um bolero cantado por Nelson Gonçalves.

A babá conversa rapidamente com uma amiga, contando e ouvindo segredos muito excitantes e engraçados, como se deduz pelos risinhos histéricos. Por fim, despede-se e continua seu caminho.

Seu namorado trabalha como lanterninha do cinema Santa Cruz, onde exibem no momento filmes de Charles Chaplin. A mulata deixa o menino instalado numa poltrona, e vai ao encontro de seu amor, numa das salas vazias ao lado da câmara de projeção. Incrível como esse menino permanece quieto e atento aos filmes! Uma benção, pois sim, que permitiu à mulata muitas horas e muitos meses de amor.

Quase oitenta anos depois, um senhor muito magro, usando boné, de olhos espertos, entra num cinema do Leblon, zona sul carioca, e lembra, sorrindo, dessa velha história que tantas vezes contou em entrevistas e conversas com amigos. Costumava dizer que deveria ter sido diretor de cinema. Assistia três filmes ao dia! Bem, ao menos agora seu filho é cineasta, e dos bons. O homem do ano foi bem recebido nos cinemas, com roteiro escrito pelo pai especialmente para o filho.

O menino e o senhor, como muitos já devem ter adivinhado, são o escritor Rubem Fonseca, nascido em 1925 em Juiz de Fora, Minas Gerais. A história da babá foi inventada a partir de um depoimento do autor, feito no Centro George Pompidou, Paris, em 1987. Serve como introdução para demonstrar que a intimidade de Fonseca com as telas é antiga.

E moderna também.

Em 2007 o público assistirá a mais um longa-metragem inspirado na obra do escritor radicado no Rio de Janeiro. *El cobrador, in God we trust*, de Paul Leduc (de *Bartolo y la música*, 2003, entre outros). Ainda sem data de lançamento confirmada no Brasil, exibido aqui no Festival do Rio em 2006, *El cobrador* usa diversos contos de Rubem Fonseca para realizar um filme trilingüe (inglês, espanhol e português), com cenas ambientadas em Nova York, Miami, Cidade do México, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Buenos Aires.

Estrelado por Lázaro Ramos e Peter Fonda (ele mesmo, o doidão misterioso, parceiro de Dennis Hooper e Jack Nicholson no filme *Easy rider*), o filme conta ainda com trilha sonora magnífica de Tom Zé.

programadora visual
contato
redacao@literar.com.br

IMAGENS AUTORES

Verônica Gullar
Joviano Simões
Luís Fernando Veríssimo
Kaul Krebs

Rubem Fonseca
Léo Martins

Zuenir Ventura
Marcia Kranz

Milton Gonçalves também participa, protagonizando, entre outras, uma cena inspirada no conto "Cidade de Deus" (do livro *Histórias de amor*), no qual uma mulher pede ao marido traficante que execute uma criança de sete anos, "para fazer a mãe sofrer". A cena é fielmente seguida na tela, com a diferença de que o traficante, no filme (o que demonstra que o diretor é atento ao que ocorre no Brasil, especialmente no Rio) é um delegado de polícia.

Lázaro Ramos – único brasileiro que não joga futebol, como se autodefine – interpreta o personagem principal, o "cobrador", inspirado no conto homônimo. O filme tem três núcleos: esse, com Lázaro; outro com Peter Fonda, que interpreta um milionário de Miami que atropela latinos à noite (inspirado nos contos "Passeio noturno I e II", do livro *Feliz ano novo*); e um terceiro, com Milton Gonçalves.

As histórias de violência relatadas por Rubem Fonseca retratam um momento social e político no Brasil e no mundo, a partir de meados dos anos 60, que assistiu a um extraordinário crescimento econômico, o qual beneficiou, no entanto, uns mais que outros, aumentando exponencialmente o abismo entre ricos e pobres. Essa tendência aconteceu sobretudo em países periféricos, como o Brasil, onde as condições políticas eram particularmente desfavoráveis, produzindo uma explosão de violência nos grandes centros urbanos.

No conto "O cobrador", do livro de mesmo título lançado em 1979, o protagonista não é exatamente um bandido. A falta de perspectivas, a virtual impossibilidade de ascensão social e a exposição, pelos novos meios de comunicação de massa, do limitado luxo em que viviam as camadas privilegiadas, produzem no personagem um ódio fanático pelos "ricos". Dotado, todavia, de um lastro de cultura, o personagem desenvolve progressivamente uma ideologia de vingança, uma justificativa ideológica, que o leva a cometer assassinatos executados com extrema crueldade. É o protótipo de um terrorista, um talibã solitário, ateu e brasileiro.

Ao final do conto, sugere-se que o protagonista e a namorada iriam partir para ações mais grandiosas, utilizando explosivos. Paul Leduc realiza o desejo do personagem, inventando uma continuação para a história, com Lázaro Ramos e sua companheira planejando e executando atentados terroristas na Cidade do México.

No [site oficial do filme](#), Leduc lembra que adquiriu os direitos de "O cobrador" em 1999, dois anos antes do 11 de setembro, o atentado que fez ruir por terra as teorias do fim da história. Fonseca, Tom Zé ou Leduc seriam adivinhos?, pergunta-se no site. Terão ligações com Al-Qaeda?, continua o texto de divulgação. Não, eles simplesmente lêem os jornais...

Leia a entrevista de Paul Leduc, diretor de *El Cobrador*, para o Portal Literar.

Como conheceu a obra de Rubem Fonseca?

Paul Leduc. É curioso, e na verdade também um pouco deprimente, que várias entrevistas com jornalistas latino-americanos a propósito de *El Cobrador* tenham iniciado com a mesma pergunta... É como se a provocasse um certo complexo de inferioridade sobre a literatura do continente e fosse raro que um cineasta mexicano pudesse haver lido um escritor brasileiro... Seria raro que um cineasta brasileiro pudesse adaptar Juan Rulfo ou [Carlos] Fuentes? Ou que um cineasta argentino se interessasse por [Alejo] Carpentier ou Sergio Ramirez? Ou por João Ubaldo, Guimarães [Rosa], [Antonio] Torres ou Marcio Souza? Ou mais obviamente, por Jorge Amado?

O cinema pode ajudar a promover a literatura latino-americana?

Paul Leduc. Felizmente em nossos países não só existe uma literatura poderosa, como nossos livros circulam mais que nossos filmes e nos conhecemos mais por livros (e músicas) que por nossas obras cinematográficas.

Enfim, duvido que o cinema contribua para que se leia mais. Geralmente se passa o contrário. Quem vê um filme baseado em um livro crê que já leu o livro. A única coisa que contribui para que se leia mais é a educação, e estamos bastante atrasados nisso.

Por uma nova mídia

McOndo é aqui

Zuenir de corpo inteiro

O caminho da literatura

Memória do desbunde

Ele ajudou a escrever o roteiro? Os livros de Fonseca inspiraram as citações políticas do filme?

Paul Leduc. Eu ofereci a Rubem Fonseca a possibilidade de participar na produção do roteiro, mas ele preferiu não fazê-lo. Deu-me total liberdade para adaptar seus contos. Dei a eles coordenadas políticas e contextos nacionais diferentes, porque não me interessava simplesmente transcrever o texto em imagens, mas sim colocar, através delas, as minhas próprias preocupações. Penso que não há sentido em adaptar um texto literário de outra forma. Entretanto, isto não se contrapõe ao fato de que acredito ter sido fiel à sua obra e creio que ele assim o percebeu. Tampouco acho que tenha sentido partir da literatura para, de alguma forma, traí-la.

As denúncias políticas presentes no filme foram provocadas pela própria realidade, sobretudo a brutal realidade política, econômica, social, cultural e até sanitária de nossos países. Na literatura, podemos encontrar formas afins para expressar esta realidade, mas não necessariamente mais que isso... o que já é o bastante.

Que pensa do Brasil, de forma geral, e em sua relação com outros países latino-americanos?

Paul Leduc. Penso que o Brasil, por razões históricas, culturais, geográficas e linguísticas, continua sendo um país excessivamente fechado em si mesmo, ainda que esteja mudando, lentamente, nesse aspecto. No caso do cinema, a sua legislação dificulta as co-produções e a relação com o resto do continente e o mundo. A irresponsabilidade de algumas autoridades cinematográficas tampouco contribui para facilitar as coisas. Entretanto, graças a pessoas esplêndidas que não se consideram a si mesmos "os melhores do mundo", trabalhar no Brasil foi muito gratificante. A equipe de Belo Horizonte foi a melhor das oito com que tive prazer em filmar *El cobrador*. Poder usar a música de Tom Zé foi um regozijo, assim como trabalhar com Milton (Gonçalves), Malu, Camilo, Zezé, Neidy e, sobretudo, com Lázaro Ramos – não apenas provavelmente o melhor ator do continente mas também uma pessoa extraordinária. A prova de seu trabalho está na tela.

[Leia o conto "O cobrador", de Rubem Fonseca.](#)

Anteriores

[voltar ao topo](#)

Patrocínio Cultural

Apoio

Desenvolvido por:

Parceiros:



IBM



livraria cultura